

Renamo continua ataques às populações

Exp. (793)
9/1/88
p. 21

NO ÚLTIMO dia de 1987, um comboio em que seguiam 1500 passageiros, na sua maioria trabalhadores da barragem de Corumana, em Moçambique, passou por cima de uma mina. A explosão provocou o descarrilamento e, pouco depois, a composição era atacada por homens armados. Do assalto resultaram 22 mortos e 71 feridos, onze dos quais em estado grave, que foram transportados para o hospital de Maputo.

O ataque, que as autoridades moçambicanas atribuem à Renamo verificou-se na linha que liga Nkomatiport (África do Sul) a Maputo. Segundo o jornal moçambicano «Notícias», os rebeldes raptaram alguns passageiros e saquearam alimentos e outras mercadorias que o comboio transportava. Na véspera, um autocarro de passageiros sofrera igualmente uma emboscada, da qual resultou a morte do motorista, o cidadão português Aníbal Pereira, e 14 outras pessoas ficaram feridas.

Este incidente ocorreu a cerca de 50 quilómetros de Maputo, na estrada que liga esta cidade à Suazilândia, e

foi perpetrado com armas ligeiras pouco depois de um outro grupo ter alvejado dois carros em que seguiam emigrantes moçambicanos.

Já em 1988, na noite do passado domingo, sete habitantes de uma pequena aldeia do vale do Zambeze foram mortos e vários outros ficaram feridos. Fontes militares que na terça-feira anunciaram o ataque, em Maputo, disseram ainda que os rebeldes tinham ainda raptado um número indeterminado de pessoas e lançado fogo a diversas palhotas.

Segundo as autoridades, tratar-se-á de uma acção de retaliação pela operação lançada na zona, em 27 de Dezembro, pelas forças governamentais e na qual perderam a vida oito elementos da Renamo, tendo sido capturados outros quatro. Na noite de Natal, os rebeldes tinham assaltado o posto administrativo de Lupio, distrito de Cuambo (provincia de Niassa), provocando, segundo fontes militares moçambicanas, um número indeterminado de feridos. Na véspera, homens armados haviam regado com gasolina um camionista

suazi, lançando-lhe depois fogo. O ataque foi descrito por uma sobrevivente sul-africana que foi atingida a tiro nas costas e nas pernas, quando na companhia de uma amiga, regressava ao seu país após uma viagem a Maputo.

No dia 28 de Dezembro, uma fonte militar declarou à agência Lusa, na capital moçambicana, que elementos da Renamo tinham assaltado, também no dia 24 de Dezembro, uma coluna de viaturas civis que seguia de Nampula para Namialo sem escolta do Exército, matando oito pessoas e ferindo várias outras, algumas das quais ficaram em estado grave.

Namialo fica a poucos quilómetros de Monapo, sede do distrito do mesmo nome e centro estratégico do «corredor de Nacala», que fora atacado dez dias antes pelos rebeldes, deixando atrás de si um número de mortos e feridos que as autoridades de Maputo nunca especificaram.

Os incidentes da véspera e noite de Natal verificaram-se apesar de, em 18 de Dezembro, a Renamo ter declarado uma trégua unilate-

ral para vigorar entre as 18 horas do dia 24 e as 18 horas do dia 25.

A 25 quilómetros de Maputo

Na terça-feira, fontes militares moçambicanas anunciaram entretanto que o Exército da Frelimo abatera 33 rebeldes, em operações desencadeadas durante a última semana de 1987. Mas a verdade é que a situação nesta ex-colónia portuguesa continua a ser marcada pelas acções armadas da guerrilha — às quais as autoridades atribuem a responsabilidade parcial pela fome que, segundo os últimos números oficiais, atinge 600 mil pessoas — e das forças governamentais.

Na quarta-feira, o jornal «Star» de Joanesburgo escrevia que a Renamo tinha um acampamento a apenas 25 km de Maputo, a partir do qual seriam lançados ataques a colunas procedentes da Suazilândia e de Nkomatiport e aos subúrbios da capital. O periódico citava o fotógrafo independente Cloete Breytenbach, segundo o qual a base rebelde, onde vivem cerca de



Imagem do massacre de Hoinho, no Verão do ano passado. Mais de 300 pessoas morreram num ataque da Renamo contra a população. As emboscadas aos civis continuaram no final do ano em Moçambique

1000 pessoas, fica «tão perto de Maputo que, subindo a uma colina por trás dela, se pode avistar a cidade». Breytenbach e uma equipa da televisão francesa visitaram o referido acampamento, onde chegaram ao cabo de três dias de viagem a pé pelo mato, escoltados por uma coluna de rebeldes.

Segundo o jornalista, o

comandante da base terá declarado que o seu movimento «não tem capacidade para formar um governo ou para ganhar uma grande batalha mas pode manter o cerco ao país até a Frelimo ceder».

Entretanto, nesta semana, o porta-voz do Departamento de Estado nore-americano, Charles Redman,

classificou de «particularmente brutal» o rapto de «menores pelos rebeldes moçambicanos». Redman disse que «o abuso de crianças tem sido bem documentado por organizações respeitadas como a Unicef» e também pela embaixada dos EUA. Melissa Wells, «que observou pessoalmente o impacto da guerra sobre os moçam-

bicanos das zonas interiores durante as suas extensas viagens» pelo país.

As autoridades moçambicanas afirmam que, durante o ano passado, cerca de 1000 pessoas morreram em diversos ataques perpetrados pela Renamo. O mais brutal de todos foi o lançado a 18 de Julho, em Hemoine, e no qual pereceram 380 civis,

incluindo doentes que se encontravam hospitalizados, crianças e mulheres grávidas. Mais recentemente, em Outubro, mais de 50 pessoas morreram durante um assalto lançado contra uma coluna de viaturas civis nas proximidades de Tanninga, 80 quilómetros a Norte de Maputo.

Fernanda Barão